



# FILAMENTOS

ARTES E LETRAS NA  
DIÁSPORA AÇORIANA

ARTS AND LETTERS IN  
THE AZOREAN DIASPORA

QUINTA EDIÇÃO

AGOSTO 2023

# CONTENTS

- 3 EM POUCAS PALAVRAS
- 4 DERROTANDO A MORTE
- 9 ONDE A POESIA JÁ NÃO PODE
- 12 HARMONIES OF IMPOSSIBLE FLUTES\*
- 16 MARCOLINO CANDEIAS NA DISTÂNCIA DO PARA SEMPRE
- 19 MARCOLINO CANDEIAS LIBRARY DIRECTOR
- 22 UMA REELEITURA DE NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO
- 25 MARCOLINO TWO POEMS

---

## FICHA TÉCNICA

**DIRECTOR:** DINIZ BORGES

**EDITORIAL BOARD:** LINDA CARVALHO-COOLEY; EUGÉNIA FERNANDES, EMILIANA SILVA AND MICHAEL DEMATTOS

**ADVISORY BOARD:** ONÉSIMO ALMEIDA, DUARTE SILVA, TERESA MARTINS MARQUES, RENATO ALVIM, DEBBIE ÁVLA, MANUEL COSTA FONTES, VAMBERTO FREITAS, IRENE M. F. BALYER AND LÉLIA PEREIRA NUNES

**DESIGNER:** HUMBERTO VENTURA - [WWW.ILLUSTRATETHEWEB.COM](http://WWW.ILLUSTRATETHEWEB.COM)



# EM POUCAS PALAVRAS... IN A FEW WORDS...

*Diniz Borges*

A Diáspora tem tido, desde sempre, uma presença significativa na literatura açoriana. Uma das vozes que soube cantar a nossa Diáspora foi a do poeta Marcolino Candeias, oriundo de famílias emigradas, como quase todos os açorianos, mas com a particularidade de também ter sido emigrante, vivendo alguns anos na zona de Montreal no Canadá. Muito antes de residir na província canadiana de Québec que Marcolino Candeias tinha através da sua excelente poesia, criado um corpus literário onde estava patente a nossa emigração, as histórias de quem partia, de quem ficava e de quem voltava, para visitar ou para ficar, como aconteceu na sua e na minha família.

A escassos dias do seu aniversário, 28 de agosto, em que celebraria 71 anos de vida, FILAMENTOS comemora a vida e a obra do poeta, do intelectual, do ativista cultural, do amigo, com um conjunto de trabalhos nas nossas duas línguas, relembrando e revivendo os seus contributos à Literatura e à Diáspora. Ele que respeitava, compreendia e enaltecia as nossas vivências além arquipélago.

The Diaspora has always had a significant presence in Azorean literature. One of the voices that knew how to sing our Diaspora was that of the poet Marcolino Candeias, from an emigrant family, like almost all

Azoreans, but with the particularity of also having been an emigrant, living for some years in the Montreal area in Canada. Marcolino Candeias had created a literary corpus through his excellent poetry long before living in the Canadian province of Quebec, where our emigration was evident, the stories of those who left, those who stayed, and those who returned to visit or to stay, as happened in his and my family.

A few days before his birthday, August 28, when he would have celebrated 71 years of life, FILAMENTOS celebrates the life and work of the poet, the intellectual, the cultural activist, and the friend with a set of works in our two languages, remembering and reliving his contributions to Literature and the Diaspora. He respected, understood, and praised our experiences beyond the archipelago.



FOTO DE DINIZ BORGES E MARCOLINO

# DERROTANDO A MORTE

*Deka Purim*

---

***“Morte, não te orgulhes! Embora alguns te tenham chamado de poderosa e terrível Não é assim. Pobre morte... Passado um curto sono despertamos eternamente E a morte não existirá mais Morte: tu morrerás.”***

Primeiro, foi, no intuito de pedir que dissessem isto, quando chegar a minha inevitável hora. Mas, depois fiquei pensando na vida viva que o Marco tem para mim. Tenho todos os abraços tatuados. Os beijos que ainda moram na minha boca. A vez que ele chegou, muito derrotado, me abraçou e me disse, em francês: *une chance qu'on s'a!*. E, depois, me lembrei do último 28 de agosto, dia em que ele completaria 70 anos e que (por uma linda e iniciativa do Diniz) conseguimos reunir muita gente a falar dele. A ler poemas, a relembrar histórias bonitas do passado. E pensei: eu envelheço e morro, meus filhos vão envelhecer e morrer e enquanto houver versos do Marco num livro, na net, ele vai viver e nós também. Porque fomos amados por ele. E enquanto houver gente ‘sem cais para a chegada’, os versos dele ensinarão que ‘o mar também é terra onde morar’. E a morte será, mais mas vez, derrotada.



# ONDE A POESIA JÁ NÃO PODE

APRESENTAÇÃO DO LIVRO **COMO QUEM VAI AO HORIZONTE,**  
DE MARCOLINO CANDEIAS

**POESIA**

FESTIVAL SMOG, ANGRA DO HEROÍSMO  
FEVEREIRO 2022

*Joel Neto*

---

Costuma dizer-se que Marcolino Candeias é «o poeta de *Ode a Angra minha cidade em tom de elegia*». É um poema extraordinário, provavelmente o mais belo poema alguma vez escrito sobre a cidade de Angra do Heroísmo. Mas Marcolino é mais do que esse poema. Escreveu sobre uma série de temas relevantes tanto para o imaginário açoriano como para o imaginário mundial do século XX. E escreveu sobre os temas mais importantes – não é um poeta de um poema só. Portanto, vamos deixar a *Ode* mais para a frente. Para já, vou tentar mostrar que Marcolino cantou a descoberta do mundo, a descoberta da poesia, a solidão e o existencialismo, a curiosidade e o sonho, a justiça social (um dos temas mais recorrentes na sua poesia), a partida, a saudade, o regresso e, no essencial, a mundividência de todo esse movimento. Isto é: mais o sentido de modéstia que só o homem vivido pode cultivar, isto é. E mais, em particular, a existência do outro. Cantou tudo isso e ainda cantou a amizade (outro dos temas mais recorrentes na sua poesia). E cantou, finalmente, o amor. Digo «finalmente» porque o é, de alguma maneira (o amor e a amizade são as últimas coisas sobre que escreve). E porque, ao ler seguidos os dois livros que

compõem tanto esta edição como a sua obra completa, fiquei com a impressão de que percebi por que deixou de escrever.

## ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS

Marcolino Candeias nasceu em 1952, na freguesia das Cinco Ribeiras, ilha Terceira. Estudou no Liceu de Angra do Heroísmo, escreveu para o jornal estudantil *Vida Académica* e colaborou com o mítico suplemento literário *Glacial*, do jornal A União, no qual foi contemporâneo de Álamo Oliveira, Santos Barros, Ivone Chinita ou Rui Rodrigues. Fez o serviço militar em Angola e licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, com bacharelato em Filologia Românica. Foi professor no ensino secundário e assistente universitário, tanto na Universidade de Coimbra como na Universidade dos Açores. Viveu durante onze anos no Quebeque, onde foi leitor de Língua, Literatura e Culturas Portuguesa e Brasileira na Universidade de Montréal. No Canadá, trabalhou para a Caisse d'Économies Portugais de Montréal e esteve envolvido na campanha para o referendo da independência do Quebeque. Regressado aos Açores, foi diretor da Casa da Cultura e da Juventude de Angra do Heroísmo, diretor regional da Cultura, diretor do Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo e, finalmente, diretor da Biblioteca e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo. Morreu a 1 de Maio de 2016, na Terceira, aos 63 anos. Publicou apenas dois livros: *Por ter escrito amor*, de 1971 (portanto, aos 19 anos), e que é, apesar do título (ou talvez pour cause) um livro fundamentalmente existencialista de descoberta da poesia e dos engulhos do ofício do poeta, solidão à cabeça; e, em 1984, *Na distância deste tempo*, um livro muito mais virado para fora, e que vem consagrar a descoberta do

outro, apenas enunciada no primeiro. À segunda edição deste, publicada em 2002, acrescem apenas dois poemas. Mas muito significativos, como já insinuei: um sobre a amizade e outro sobre o amor (já lá vamos).

Seja como for, são apenas dois livros e, aliás, dois pequenos livros. Estão ambos reunidos neste volume de escassas 80 páginas. É uma obra curta, a que devem no entanto crescer as histórias orais protagonizadas por Joe Canoa (e que eu muito gostava de ver recolhidas, se não em papel então pelo menos em áudio e vídeo – sei que há gravações). De resto, haverá com certeza mais uns quantos poemas, que Marcolino assumia escrever, mas nunca considerou «com corpo e alma» suficientes para publicação.

E, no entanto, falamos de uma obra importante, apesar da sua exiguidade. De vários pontos de vista, uma grande obra. E que justifica um aplauso ao IAC, vista a sua reunião num só volume.

#### TODOS OS TEMAS

Disse que Marcolino Candeias cantou todos os temas importantes. Não exagero. Escreveu, desde logo, sobre a descoberta do mundo, como o mostra, entre outros, o poema *Por Ter Escrito Amor*, do livro homónimo (p. 26):

*A minha vida hoje  
é um abêcê sem gosto  
dum menino triste  
sem imaginação*

*Puseram-me de castigo toda a manhã  
por ter escrito AMOR  
no tempo da carteira*

Escreveu sobre a descoberta da poesia, como o demonstra, por exemplo, o texto *Sentado neste poema*, também do livro *Por Ter Escrito Amor* – a poesia como um instrumento, como uma ferramenta (p.

22, excerto):

*este poema que serve  
para eu me sentar  
a ver  
o mar  
e  
a  
pensar  
no fundo  
há céu  
e  
luar*

Depois, escreveu sobre a solidão do poeta, aliás num tom bastante existencialista, como o provam, nomeadamente, os poemas *Angra única e minha*, *Onde isto acaba começa a vida* ou *A rua é o fim*, todos de *Por Ter Escrito Amor* – e este último o poema onde o editor foi buscar o título para esta reunião, *Como quem vai ao horizonte*, aliás muito bem escolhido.

E escreveu muito sobre a sua imensa curiosidade e a importância do sonho, como o mostram o poema *Hino à amizade*, que abre *Por ter escrito amor*, e em especial o poema «*Ilha*», do mesmo livro (p. 37):

*Sulcaram o rosto do lavrador  
com os olhos cheios de estrelas  
a digerirem um sonho  
as lâminas dum tractor desejado*

*e na velha terra rude  
o homem às lides costumado  
breves rugas traçou*

*tracejado esquelético da primeira fase  
do pão*

*nasce no arado  
e no labor da mão*

*(nesta ilha o lavrador não usa  
a máquina a motor  
– toda a fonte de energia é o suor)*

Já ali se insinua a justiça social como mote poético. E Marcolino Candeias escreveu repetidamente sobre a justiça social. Desde logo na dita *Ode a Angra*, de *Na distância deste tempo*. Mas, muito antes, já em *Subitamente violado*, *Bem me apetecia dizer Eh gente*, *Nove Estrelas Sem Firmamento* ou *Quotidianamente o Operário*, todos de *Por ter escrito amor* também. E é neste último que, para finalizar o livro, deixa uma espécie de manifesto para a idade adulta (p. 40, excerto):

*Está decidido  
serei quotidianamente o operário*

É um dos aspectos da obra de Marcolino Candeias por que tenho mais carinho. Um sinal da sua enorme dimensão humana, seguramente, mas um sinal também da sua responsabilidade como poeta e intelectual.

Não se pode ser poeta, nem romancista, nem pintor, nem músico, nem artista nos Açores ignorando a justiça social. Não se devia poder, e há algo de obscuro em quem insista em tentá-lo, porque os Açores lideram todos os índices de subdesenvolvimento humano nacional (e vários até a nível europeu) – nas violências contra as pessoas, nas dependências, na pobreza.

Não há elevador social. Quem nasce pobre nos Açores não está a caminho de lado nenhum. Quem nasce num bairro social dos Açores não vai nunca suplantam a condição socioeconómica dos seus pais. E nós, autores, temos uma responsabilidade. Temos a responsabilidade de usar da nossa empatia e da nossa compaixão. E de denunciar – de trabalhar esse tema.

Se nos limitamos à bruma, aos vulcões e às belezas naturais, não é dos Açores que estamos a falar. Os Açores são as pessoas também. Se calhar, são sobretudo as omo aliás se propõe na obra de Marcolino Candeias. E, nesse contexto, são também a terra da injustiça.

Quem o ignore é cúmplice.

Os poetas não são cúmplices. Os escritores não são cúmplices.



FOTO DE MARCOLINO CANDEIAS

### A PARTIDA E A CHEGADA

Alguns dos temas do segundo livro, *Na Distância deste tempo*, já se prometem, de alguma maneira, em *Por ter escrito amor*. São pequenas visitas, descobertas repentinas, súbitas perplexidades, lampejos fugazes – e a que Marcolino Candeias, passados 13 anos, já adulto, regressa, já com um olhar amadurecido sobre eles.

São os anos em que anda pelo continente e depois pelo Canadá. E, então, escreve sobre a partida – como no poema *Novas da Ilha*, portanto já de *Na Distância deste tempo*. Escreve sobre a saudade – como em *Poema da Saudade Ardente*, também de *Na Distância deste tempo*. Escreve sobre o regresso – como em *Crepúsculo na ilha*, de *Na Distância deste tempo*, e na sequência que se lhe sucede nesse mesmo livro, com o título genérico *Ítaca (Ao Apelo de Ítaca, De mim a Ítaca, Rota de Ítaca)*.

E, entretanto, escreve sobre a mundividência de todo esse movimento – o que, mais uma vez se pode encontrar na *Ode a Angra*, evidentemente. É outro dos aspectos da obra de Marcolino Candeias por que tenho mais carinho. Suspeito que os açorianos, enquanto povo, perderam mundividência nas últimas décadas. Suponho que seja o lado negro da autonomia: estamos mais provincianos

do que nunca. Porque nos virámos para dentro, porque nos virámos para o nosso umbigo, porque perdemos a noção de mundo e porque perdemos a noção das proporções das coisas. De repente, a queijada D. Amélia é a melhor queijada do mundo, e o Carnaval da Terceira é o maior Carnaval do mundo, e os Olhos Pretos são os olhos mais pretos do mundo.

Precisamos de voltar a conhecer o mundo. Sem medo: provavelmente, vamos gostar ainda mais dos Açores depois de conhecê-lo. E desta vez vamos gostar deles com conhecimento de causa.

### A PARTIDA E A CHEGADA

Alguns dos temas do segundo livro, *Na Distância deste tempo*, já se prometem, de alguma maneira, em *Por ter escrito amor*. São pequenas visitas, descobertas repentinas, súbitas perplexidades, lampejos fugazes – e a que Marcolino Candeias, passados 13 anos, já adulto, regressa, já com um olhar amadurecido sobre eles.

São os anos em que anda pelo continente e depois pelo Canadá. E, então, escreve sobre a partida – como no poema *Novas da Ilha*, portanto já de *Na Distância deste tempo*. Escreve sobre a saudade – como em *Poema da Saudade Ardente*, também de *Na Distância deste tempo*. Escreve sobre o regresso – como em *Crepúsculo na ilha*, de *Na Distância deste tempo*, e na sequência que se lhe sucede nesse mesmo livro, livro, com o título genérico *Ítaca* (Ao Apelo de Ítaca, De mim a Ítaca, Rota de Ítaca).

E, entretanto, escreve sobre a mundividência de todo esse movimento – o que, mais uma vez se pode encontrar na *Ode a Angra*, evidentemente. É outro dos aspectos da obra de Marcolino Candeias por que tenho mais carinho. Suspeito que os açorianos, enquanto povo, perderam mundividência nas últimas décadas. Suponho que seja o lado negro da autonomia: estamos mais provincianos

do que nunca. Porque nos virámos para dentro, porque nos virámos para o nosso umbigo, porque perdemos a noção de mundo e porque perdemos a noção das proporções das coisas. De repente, a queijada D. Amélia é a melhor queijada do mundo, e o Carnaval da Terceira é o maior Carnaval do mundo, e os *Olhos Pretos* são os olhos mais pretos do mundo.

Precisamos de voltar a conhecer o mundo. Sem medo: provavelmente, vamos gostar ainda mais dos Açores depois de conhecê-lo. E desta vez vamos gostar deles com conhecimento de causa



MARCOLINO CANDEIAS COM ALUNOS

### A EXISTÊNCIA DO OUTRO

Marcolino Candeias, aliás, não escreveu só sobre essa mundividência, mas também sobre a modéstia que apenas o homem vivido pode cultivar, e que é um dos aspectos mais relevantes do poema *Em Memória de Manuel Coelho Lopes, meu pai, mestre e agricultor de poesia* (ps. 52/53, excerto):

*Foste aventureiro na banquetta sentado  
sonhando impassível.*

*Impossíveis teus sonhos para tanta  
poesia.*

*E foste. E partiste sóbria docemente  
sem rancores pela vida que nada te deu*

*acarinhaste e de onde nasceste  
como discípulo insuspeito  
e no entanto ignorante de Lavoisier.*

*Mas eu é de tua energia  
que me desoxirribonucleico e me  
ribonucleico. É a força  
de teu sangue entendes carregado de  
ternura intoxicado de  
poesia  
com que me educaste  
que em tudo poesia pudeste ensinar-me.  
Legaste-ma como um estigma.  
E ainda no adeus  
definitivo indelével ficou  
no rubro calado da tua mão na minha.  
Para sempre meu pai.*

De repente, parece-me que é exactamente nesse poema que se encontra a chave para compreender a obra (e em particular a curteza da obra) e até a vida (e em especial no que diz respeito ao abandono da poesia) de Marcolino Candeias. Eis um poema exemplar sobre o olhar de um filho já adulto para a morte do pai velho. Uma espécie de testamento precoce – e também uma consagração da descoberta do outro.

O que me leva àqueles que são os temas mais incontornáveis de todos os temas de Marcolino Candeias. O primeiro é o tema da existência do outro, que já se esboçava no livro *Por Ter Escrito Amor* (nomeadamente nos poemas sobre os lavradores das Cinco Ribeiras, *O enforcado da ilha* ou *O canto do lavrador*), e que se concretiza em pleno no livro *Na Distância deste tempo*, sobretudo nos poemas *Última conversa com João Vital*, *Chico Veríssimo*, até mais ou o magnífico *Carta de Joe Simas* (p. 58):

*Recebi carta hoje. From Joe Simas*

*San Francisco P.O. Box 87  
California 90405  
United States of America*

*Fala-me de muitas coisas.*

*Manda-me um abraço grande como o seu  
coração.*

*E conta-me sobretudo coisas que não se  
contam.*

*Sua carta diz-me pura e rica como sua  
voz  
de mechins para um tudo de chitões e de  
tães  
do Chinatão à noite e de Frank Soisa nas  
Festas das Gastinas.*

*Que o Vale de São Francisco é um céu  
incanado.*

*Conta-me de brigas notícias de Norioque  
que veio na talaveija e os papeles  
troiveram  
de fitas faladas que viu em amaricano  
accidents no friuei charefas leitarias  
e diz que na América o passadio é outro.*

*E fala-me ainda de muitas porquidades  
por aquela América  
sem pontos nem vírgulas e jamais  
assentos em sua aventura.*

*Joe Simas San Francisco Valley. Vale de  
São Francisco  
onde não há paredes  
e o sonho ribomba pela campina fora.*

*Sua carta conta-me coisas que só visto  
e com amizade termina com bolinhas e  
cruzes.*

O outro dos grandes e incontornáveis temas de Marcolino Candeias, como este livro prova, é o da amizade, aliás também já insinuado antes, tanto em relação aos lavradores da infância como àqueles que vão morrendo. Alguma coisa de muito poderoso acontece dentro de um poeta (e de um escritor) quando começam a morrer os velhos da sua infância – e depois os seus próprios amigos, como o demonstra o poema *Breve Discurso aos meus amigos*, um dos dois poemas que

Marcolino acrescenta a *Na Distância deste tempo* para a segunda edição, passados 18 anos sobre a primeira (p. 48, excerto):

*Oh meus amigos de café de cerveja  
gelada e coração fervente  
que resolvíamos a paz e a guerra e  
inventávamos a justiça social  
todos os meus amigos das artes que  
sonhávamos até ao clímax da fúria  
a utopia suprema  
e expurgámos do mal todo o universo  
para o fazer só de beleza.  
Meus amigos da ciência que em serões  
enchíamos de generosidade as retortas  
do progresso  
em que inventámos novas energias e as  
novas maravilhosas  
do paraíso terrestre  
e porque não  
dos meus amigos os melhor  
penteadinhos das ideias então  
apenas futuros  
hoje consagrados já vedetas mesmo  
fragatas e cruzadores  
da política  
– se é que na política meu Deus aqui pra  
nós o Senhor acha  
que?*

E, contemplada a amizade, chegamos ao amor. Marcolino Já tinha escrito sobre ambos nas edições originais dos dois livros, mas a verdade é que não eram ainda esta amizade nem este amor. Entretanto, acrescentou esses dois poemas para a segunda edição de *Na distância deste tempo*: o que acabo de citar e outro com que abre o livro, *Aqui não tem sabiá* (p. 47):

*Não tem sabiá aqui nem tem palmeiras.  
Aqui rapadura não  
tem meu bem  
nem pé-de-moleque nem brigadeiro  
metido*

*em tudo quanto é sítio. E mesmo  
teu pezinho de jabuticaba meu bem  
já virou quindim  
lá bem no meiinho da chacrinha da  
memória.*

*Aqui saudade às vezes tem. Te bate  
negra.  
Mas não dá princesa para chamar a  
polícia.  
Isso são uns bem caipira nem sabem o  
que é cachaça. Tudo  
uns tatu velho que não tem mais jeito.*

*É quando de Chico pra Gilberto e de Elis  
para Bosco tu  
viras saqui*

*e por toda a casa  
uma orgia de orixás  
bota uma alegria danada que  
desconchava direito  
esta minha sisudez de quem nasceu no  
mar.*

*Aqui meu bem não tem sabiá não.  
Aqui tem só uma gracinha sorrindinho.*

*Tem você, né?*

Portanto, dedicado à Deka, sabiá quotidiano, cachaça e quindim o autor.

E não mais publicou Marcolino Candeias depois desse poema. E pouco escreveu, aparentemente, desde que descobriu o seu sabiá e, aliás, nasceram os seus filhos, Maithé e Rodrigo, cujos nomes acrescenta à dedicatória da segunda edição de *Na Distância deste tempo*, juntando-o aos dos pais.

Diz-me a Maithé que poucas vezes falou com o pai (ou este com ela) sobre os livros dele. Porque – arrisco – Marcolino acreditou intensamente na poesia, viveu-a apaixonadamente e usou-a como ferramenta para transformar o mundo. Foi através dela que compreendeu o outro, e que viu a democracia em Chico Veríssimo, e que viu a verdade em Joe

Simas, e que viu a morte em João Vital, e que viu a verdadeira face da cidade de Angra no seu povo.

Mas, no fim, pouco mais poderia já a poesia, apesar de tudo, perante o amor. Como lhe mostrara o pai, o homem amado e amantíssimo – e que ele só poderia perceber em pleno, afinal, quando amasse também. Ao contrário de García Márquez, Marcolino Candeias escreveu primeiro e viveu e vida depois. Não viveu para contá-la: escreveu para vivê-la.

Morreu num Dia do Trabalhador. Ele tinha avisado: *Está decidido/ Serei quotidianamente o operário*. E deixou a *Ode A Angra*, sim (p 65):

*Angra oh minha cidadezinha de bolso querida*

*Minha putefazinha maquilada de ternura*

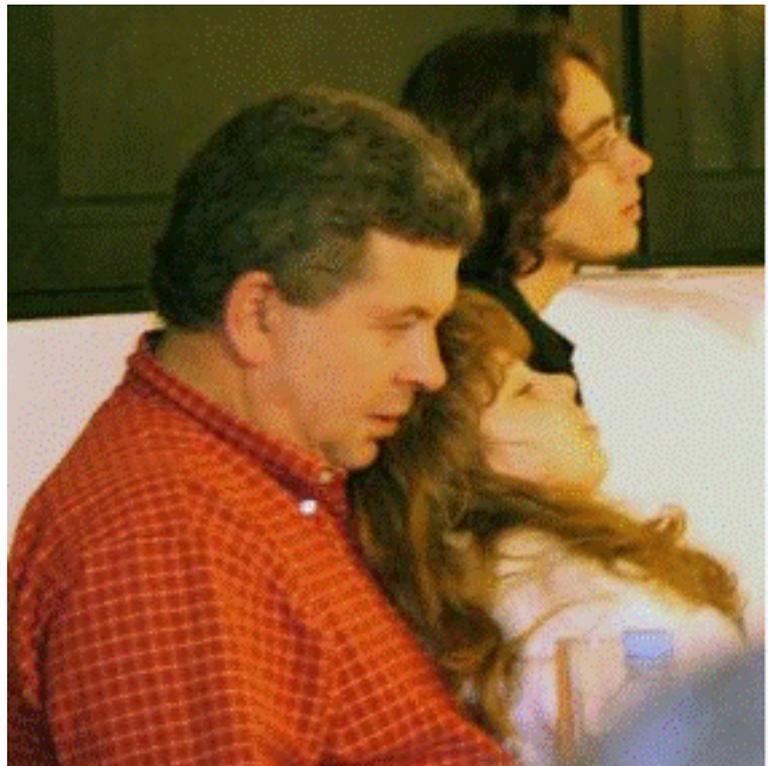
*oh rola de papo vaidoso da Memória de D. Pedro IV*

*do Cais das Pipas para as naus da Índia de Afonso VI babando-se de tolo pelos Canos Verdes...*

Mas a Ode não precisa de ser apresentada a ninguém.



FEM CIMA: FOTO DE MARCOLINO CANDEITAS DISCURSANDO  
EM BAIXO: FOTO DE MARCOLINO COM MAITÉ



# HARMONIES OF IMPOSSIBLE FLUTES\*

By *Diniz Borges*

---

*“With angels and demons  
With goodness and seduction”*

Deka Purim in *Rio Virando Mar*

If science draws the wave and poetry fills it with water, as the Portuguese poet Teixeira Pascoaes once wrote, the poetry of Marcolino Candeias is a poetic sea containing some of the most significant themes of the literary creation of the Azores. It is refined poetry, rich in metaphors, and grounded in the experiences, the language, the pain, and the hope of a place, the Azores, and its people. In each poem by Marcolino Candeias there is the sweat of silence, the shadow of freedom, the echoes of justice, the commitment to solitude, and the dimension of solidarity. Pure poetry that leads the reader to the pinnacles of emotion and the heights of thought, poetry that sings the humanism of our human condition.

Born in the parish of Cinco Ribeiras on Terceira Island, the literary creations of Marcolino Candeias brought together by the Azorean Institute of Culture are undoubtedly a remarkable literary corpus for the Azores and poetry in the Portuguese language. He is known for his concise, allegorically refined poetry, full of the necessary nuances and subtleties

to allow it to be published when the most flourishing ideas were stifled by a dictatorial political system that produced poor people and emigrants. He began publishing in academic journals and was one of the voices of the Glacial movement, which forever marked the creativity in this beautiful archipelago. He carried with him “the bird of words,” and exhaled the “tear of invented happiness.”

Throughout his early poetic creations, Marcolino Candeias, was immensely concerned with the situation experienced in the archipelago and the entire country of Portugal because, as T. S. Elliot wrote, “all true poetry is a vision of the world.” He invoked and still invokes each reader’s desire to build another society. At a time when “the poet is a guest in his house,” his poetry asks us to look, with the eyes of one who wants to see what surrounds us, that is: “reality on the road / begging / brazenly.” Or to a world where freedom was a dream, putting the boy (all boys) in “punishment all morning / for writing LOVE / on the student desk.” Concerns and experiences that, unfortunately, did not stay in one space and time; still, today, the poet’s words are pertinent. Even today, our democracy (all democracies) are marked with the stains of poverty and circumscribed freedom. Those who dare to write their thoughts continue to be punished. Unfortunately, there are still today, as the poet wrote, “words to be kept in the pantry.”

This collection is still a constant hymn to the island and the islander. As Samuel Johnson wrote, places, people, and experiences are sung here: *nothing is useless for the poet*. The islander feeling, living the world inside the island, where “the birds have orchestras,” where despite the island ending right there, despite the desire of departure being

in our idiosyncrasy, one stays in these volcano peaks, one has dreams. One builds the possible utopias: “one stays / as one who goes to the horizon / and returns.” One counts, in the sublimity of poetic language, the “steps of parallel days,” the insular daily life of the “farmer’s face / with eyes full of stars”; the echo, sometimes liberating, creasing of “who has only sea”; the delusions of the “transparent planter of lives.”

He is a poet of the world because he is a poet of his land and city. In the tone of an elegy, his Ode to Angra, my city is one of the most remarkable and moving songs about a city that one can read. Containing a forcefulness that oscillates between realism and utopia, we breathe in the beauty of “the little capital with an apron / traced in the heavy hand of hospitality”; we stroll along the Cais da Alfândega where “your whole universe fits”; we visit the memory that goes beyond Pedro IV, to be the collective memory of a people, including “your marginals / that of / your unfortunates”; we recall the heroism of a city of “enchanted fog” that not only praises the historical effects but above all is confessional “in the silence of so many sorrows.” This Ode sings of the “endless metropolis of adventures” in a tone equal to itself, the city of the world that is also the city of the aromatic wine, the limpets, the chalice of burning water, and the batter “sweated in the bowl of your face.” The poet sings of his/our Angra do Heroísmo in its fullness. (read from the poem)

The islander, in his daily life, is ever present in his poetry with transcendent poems that distinguish the mythical of an Atlantis lived between staying and leaving, the telluric force that comes from the challenging weather felt on the skin of those who inhabit these pieces of basalt in

the middle of the Atlantic and the strength of a visceral humidity that penetrates the body and soul. In memory of Manuel Coelho Lopes, my father, master, and farmer of poetry; Last Conversation with João Vital and Chico Veríssimo, among other poems, Marcolino Candeias explores, with highly metaphorical language and bold, truthful descriptions, those who spent a life scavenging a day to day, daring, “to violate mediocrity and dream with all your strength beyond your means.” The smallness of the island contained, in its way, the world’s vastness. The islander, even with hope hanging on a leash, almost permanently postponed, was leaving for the eternity of the gods: “without rancor for the life that gave you nothing,” when they were: “impossible your dreams for so much poetry.”

The Brazilian poet Carlos Drummond de Andrade was known to have said that all of life and the drama of our lives relates to the simple fact that “our capacity to love is limited, but love is infinite,” Marcolino Candeias, throughout his work, like all poets, sings of love, and memorably love for his cachaça, his Deka. *Aqui não tem Sabiá* is an excellent homage to love, paraphrasing Cora Carolina, and changing dreams to stay in the life of your loved one. In a perfect symbiosis of languages and cultures, of concepts and taboos, of the miscegenation between the worlds we live in and those we invent, the poem runs through the arteries of love between the “damned joy” of the Brazilian spirit and the stern character of “those who were born on the sea.”

The writer Salman Rushdie wrote that: “a poet’s job is to name the unnamable, point out frauds, take sides, start arguments, shape the world, and stop sleeping.” Marcolino Candeias’ work is full of forays into the world of social justice. In each poem,

there is a cry for us to go beyond what is comfortable, to bring to our cosmos and our lives the sense of justice, human brotherhood and sisterhood, and the colors of the world. Natália Correia, one of Portugal's best-known poets of the later part of the 20th century, said that all good poetry "is simultaneously influential and influencing." Of all the poems, *the Brief Speech to My Friends*, influenced by the readings, the experiences, and the ideology of the poet, marked by a luminous vision of our presence on this planet, contains the making of a piece that interweaves some of our deep concerns of the contemporary world. In a universal language, where action and feeling percolate, the poet fiercely confronts us with some of the obsessions of modernity: "we who no longer even need souls / To be human and immortal." (read the poem)

It has been said in various places and times that the Azores would be the same with emigration. Azorean poetry would not be the same without the stories of those who left for the Americas. Several poets have dipped their pen in the ink of emigration. Marcolino Candeias did it masterfully. The allusions to the "amariquianes" and the "calafonas" in particular, are all over his poetry. The Letter from Joe Simas, Poema da Saudade Ardente, and Novas da Ilha, each in its way, is representative of the power of emigration in Azorean letters. And while it is true that the archipelago no longer lives: "dreaming in the wine of news and the well-trodden garlic of distance," it is no less accurate that our relationship with the Americas was essential in our archipelagic history and has marked us deeply. Marcolino Candeias also knew how to use the words of our emigration that, little by little, have left their mark on the rich idiomatic expressions still used on the islands. These were experiences that marked us forever and that the poet

always knew how to respect and cherish, understanding like no one else the weight of an emigration, mirrored in a letter from an emigrant (of all emigrants) that: "contained no periods or commas and never settled down in his adventure."

What isn't included in this collection is the poetry of the oral histories of Joe Canoa, a character who had lived in California and returned to his land, his island. The character Joe Canoa is one of the best tributes that the emigrant has ever received. Created by Marcolino Candeias, some are recorded in audio or amateur videos with minimal quality. Above all, they are engraved in the memory of those who heard them, told as only the poet could say them, on unimaginable evenings in California, Canada, and the Azores. For the character Joe Canoa, who nurtured a unique friendship with Frank Soisa, the world revolved around the island; spaces were measured by the tape measure of our geography, such as: have you ever thought of a place so big that it could fit in our *Praça Velha*? From the Resurrection of Lazarus, which takes place in a parish on the island of Terceira, to the Life and Death of John F. Kennedy (sacred in the image of the Azorean emigrant), the sublime description of an American soccer game - the *jogo do malão*, Azorean emigration intertwines with the experiences of the islands in a perfect bond and indicator of the influence that emigration had on Azorean rural life. A clear and unmistakable clue that the poet, with his vast experience of the world beyond the archipelago, had an unmatched tenderness and respect for the inhabitants of these islands, those who remained and those who left.

John Fitzgerald Kennedy, the President of the United States, whom the poet honored, as stated in a story by Joe Canoa, wrote: “When power drives men to arrogance, poetry reminds them of their limitations. When power narrows man’s areas of interest, poetry reminds him of the richness and diversity of his existence. When power corrupts, poetry cleanses.” For these and other reasons, one must read Marcolino Candeias. One must savor the words and syllables and their magnetic charge when they come together through homogeneity or diversity when they come together and go astray. We must internalize the historicity of words and how the poet calls our attention to how they have been used in moments of certainty and doubt. For those who speak and read Portuguese, I invite you to enjoy the musical movement of his poetry: the rasping, the fluidity, the euphoria, the enlargement, the strike, the visceral, in short, the staginess of each poem.

My Angra Brother (as I called him, and he- my California Brother) is in this collection, with the verticality he always had in his poetry and life. Because poetry is the child of disturbing suggestions, as the Portuguese poet Eugénio Andrade wrote, in Marcolino Candeias’ poetry, you learn how rainbows arrive and why they disappear. Friedrich Hebbel wrote, “through poets, humankind dreams.” With the poetry of Marcolino Candeias, there is a constant reminder to live committed to the perpetual construction of a better world.

\*from the poem A Daily Worker by Marcolino Candeias

\*from the introduction for the collection of poetry of Marcolino Candeias published by the Instituto Açoriano de Cultura, presided by poet Carlos Bessa.



# MARCOLINO CANDEIAS NA DISTÂNCIA DO PARA SEMPRE

*Onésimo Teotónio Almeida*

---

O Marcolino Candeias não era propriamente tão jovem para que eu lhe possa aplicar aquela frase clássica: morrem cedo os que os deuses amam. Mas citarei a propósito outra ouvida uma vez a um moço que referira alguém de 40 anos como um velho e a quem perguntei: Mas 40 anos é velho? A resposta saiu-lhe rápida: *Sim, para viver é velho, mas para morrer é jovem.*

E no entanto perdemo-lo. Não aparecia muito em público e nem era assíduo no contacto com os amigos. Além disso, era um poeta bissexto. Lá muito de vez em quando surgia com uma criação a rondar o perfeito. No entanto, dos poucos poemas que publicou, vários prometem ficar. A começar por aquele de estreia (teria ele uns 16 anos) que deu título ao seu primeiro livro, Por ter escrito amor (Angra do Heroísmo, 1971):

*A minha vida hoje / é um abêcê sem gosto;  
dum menino triste / sem imaginação //  
Puseram-me de castigo esta manhã / por  
ter escrito AMOR / no tampo da carteira*

Há dele uma pungente “Ode a Angra” a urgir-lhe que se erga dos escombros depois do trágico sismo de 1980 e a acreditar que vai consegui-lo. E do livro onde se encontra esse poema (Na

Distância Deste Tempo. Angra, 1984; 2ª edição revista, Lisboa, Salamandra, 2002), aprecio particularmente o poema “Novas da ilha” - o poeta, estudante em Coimbra, a receber lá da terra aquelas cartas acaculadas de notícias tristes, de lhe deixarem “a alma abatumada”:

*Chegam-me cartas da ilha. Sustenho-as  
cavalas frescas e dependuradas de  
guelras abertas  
inda agora acabadas de chegar*

Outro poema dá conta de uma carta do Joe Simas, na Califórnia, personagem de sua criação:

*Sua carta diz-me pura e rica como sua  
voz  
de mexins para um tudo de chtôas e de  
tães  
do Chinatão à noite e de Frank Soisa nas  
Festas de Gastinas  
Que o Vale de São Francisco é um céu  
incanado.*

*Conta-me de brigas notícias de Norioque  
que veio na talaveija e os papéis  
troiveram  
de fitas faladas que viu em amaricano  
áccidents no frieui charefas leitarias  
e diz que na América o passadio é outro.*

Já não sei quantas vezes transcrevi e li em público o poema “Aqui não tem sabiá”, composto durante os seus dias de Montréal, à beira de um longo inverno canadiano. Não resisto a citá-lo por inteiro, uma vez mais. Vem dedicado à Deka, seu amor brasileiro que ali começou a aquecer-lhe os dias: *Para a Deka /meu sabiá quotidiano / minha cachaça/ e meu quindim.* É um poema que glosa o clássico do igualmente brasileiro Gonçalves Dias – “Canção do exílio” -, quando este último, também estudante em Coimbra, se bem

que quase século e meio antes do nosso Marcolino, sofria de saudade do seu Brasil:

*Não tem sabiá aqui nem tem palmeiras.  
Aqui rapadura não tem meu bem  
nem pé-de-moleque nem brigadeiro  
metido  
em tudo quanto é sítio. E mesmo  
teu pezinho de jabuticaba meu bem  
já virou quindim  
lá bem no meiinho da chacinha da  
memória.  
Aqui saudade às vezes tem. Te bate  
negra.  
Mas não dá princesa pra chamar a  
polícia.  
Isso são uns bem caipira nem sabem o  
que é cachaça. Tudo  
uns tatu velho que não tem mais jeito.  
É quando de Chico pra Gilberto e de Elis  
pra Bosco tu viras sagui  
e por toda a casa  
Uma orgia de orixás  
bota uma alegria danada que  
desconchava direito  
esta minha sisudez de quem nasceu no  
mar.  
Aqui meu bem não tem sabiá não.  
Aqui tem só uma gracinha sorrindinho.  
Tem você, né?*

Noutro lugar, falei já de mais criações suas: o Joe Canoa, personagem terceirense com experiência de vida californiana, que o próprio poeta incarnava para falar da América através dos olhos dele. Actor notável, ficam, na memória dos que tiveram a sorte de o ver e ouvir nessas rábulas, momentos impagáveis de subtil observação e humor. E todos nos lamentamos de nunca as termos gravado em vídeo. Por sinal, tentei fazê-lo numa entrevista da série que no início do milénio fiz para a RTP-Açores. Na altura, ele era Director Regional da Cultura e achou que isso

poderia desestabilizar um pouco a sua imagem pública. Para meu grande pesar. Uma das rábulas que o Marcolino encenava em linguagem popular terceirense era a recriação da história bíblica da ressurreição de Lázaro narrada na voz de um popular da sua ilha. Essa continuará felizmente viva e a ser muito bem reproduzida pelo seu patrício, também poeta, Vasco Pereira da Costa (que deveria gravá-la porque assim ao menos fica-lhe garantido o arquivo). Por acaso encontrei nos meus ficheiros fotocópia de um registo escrito dela (quando o Marcolino a contava, nunca se repetia verbatim, pois era mestre em variações). Passou-a ao papel e imprimiu-a em jeito de mensagem aos amigos que estavam reunidos num encontro de escritores açorianos na Praia da Vitória, em 1994, a comemorar os 50 anos da publicação de Mau Tempo no Canal, de Vitorino Nemésio, ali nascido. O fino ouvido do poeta, tão bem manifestado nesse poema 'brasileiro' atrás transcrito, revela a mestria do artista na captação da linguagem popular da sua ilha. A "mansage" abre com esta deliciosa saudação:



FOTO DE ANGRA DO HEROÍSMO DA AUTORIA DE ONÉSIMO DE ALMEIDA

*Mês ric' amios e amias  
Cantadôr's e cantadeiras  
Dos Açor's e al redol*

*(nest' pont' se t'vié por I alg' u s'nhio ò  
s'nhiora d'autorizo, desses do Governe  
Regional, alomeie-se, faz-se-le ~ua  
mesura e m ~ut' òbriado agardecido per  
tod' àpoia que deu à gient' – qu'ê na sei  
se tãe s' na tãe, é só um s'por).*

E a magistral rábula vai por aí fora assim, de leitura difícil para os não iniciados na fonética terceirense (nada a ver com o que os continentais apelidam de “açoriano”, que é o falar de S. Miguel, o linguajar insular mais conhecido e mais facilmente identificável).

Ficou-lhe a fama ligada a outras histórias da nossa memória colectiva (no liceu, quando um professor lhe perguntou o nome, respondeu: *Não tenho. Ontem fui dar o nome para a tropa!*). Da sua narrativa do “jogo do malão”, o Joe Canoa a descrever na Terceira um desafio de football americano, não creio haver nada escrito ou gravado. Infelizmente, ninguém, que eu saiba, alguma vez conseguirá reproduzir tal beleza de narrativa.

Também já escrevi sobre as suas habilidades gráficas e o seu fino gosto estético, por vezes impregnado de incontido humor. Uma sua peça clássica é a *Felix et amici cena*, decalcada no famoso quadro “Última ceia” de Leonardo da Vinci, homenagem ao seu amigo e mestre o poeta Emanuel Félix, ladeado à mesa de outros amigos escribas açorianos.

Tudo com o carimbo de uma alma de artista da palavra, mas também de um arguto observador social, profundo conhecedor principalmente da gente da sua ilha, da que ficou e da que emigrou, sobretudo para a Califórnia. Há uma raiz popular na sua sensibilidade, a mesma

que habitava o seu patrício Charrua (como ele, natural das Cinco Ribeiras), o mais celebrado dos cantadores populares açorianos, senhor de uma destreza do verbo e do humor inconfundíveis da Terceira, de onde muito se orgulhava de ser. A cultura da sua ilha, e a dos Açores no seu conjunto, ficou bem mais rica com os esporádicos golpes de criatividade de Marcolino Candeias, porque ele, muito exigente em matéria de gosto, preferia manter-se silencioso até crer que tinha algum contributo significativo a dar-nos. Nós é que achámos sempre que ele guardava demasiado para si e que poderia ter acedido com outra frequência aos nossos insistentes pedidos de mais. Levou imenso consigo. Numa carta em poema que me enviou do Canadá, justificava assim a sua preguiça literária contra a qual eu protestava com veemência periódica e insistente:

*Não te inquiete amigo o meu silêncio.*

*É higiene pura ecologia.*

[...]

*Que queres pois [...] que eu faça*

*Senão guardar silêncio recolhido?*

*E enquanto pouso a pena apenas penso*

*Que em a repousando*

*Ao menos vou salvando algumas*

*árvores...*

(“Quinta epístola a Onésimo”, Montréal, Québec, 1994, “edição especial feita pelo autor para a sua querida amiga Luiza Costa”).

Marcolino, de sobrenome Candeias.

‘Estrelas’ ficará como apelido para os seus poemas.

# MARCOLINO CANDEIAS, LIBRARY DIRECTOR

*Katharine F. Baker*

---

By the time I met Marcolino Candeias at the 2004 Sanjoaninas festas in Angra do Heroísmo, Terceira, he was a veteran educator and local government administrator, as well as an acclaimed poet. A year later, in a culmination of his wide experience, he became director of Angra's Public Library and Regional Archive – the post he would hold for the rest of his life.

For nearly a half-century, the Library and Archive had been housed in the historic Palácio Bettencourt on the block behind Angra's Sé [Cathedral], located in UNESCO's World Heritage Site in the city's Central Zone. I was familiar with the Archive from genealogical research I began there on my first two visits to the Azores in 2002 and 2004. But for all its beauty and charm, the facility needed major updating – from climate-controlled storage for fragile centuries-old records to modern computerization, as well as increased shelving and work space for staff and patrons. Marcolino soon began implementing needed upgrades, some of which were already apparent on my next visit six months later, including 21st-century computers and high-speed internet access. He created an extensive website for the Library and Archive, and instituted a weekly e-newsletter announcing special events, workshops,



MARCOLINO INTRODUCING THE LIBRARY'S WOMEN'S CHORUS IN CONCERT IN THE PALÁCIO BETTENCOURT LOBBY, 1 OCTOBER 2015. PHOTO BY JOHN J. BAKER.

be named the Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, after the renowned Terceiran intellectual, jurist and ethnographer – was planned for a site beside the Palacete Silveira e Paulo (home since mid-2004 to the Azores' Direção Regional da Cultura), just beyond the top of Rua do Galo.

Progress on the new Library and Archive was slow, due in part to a construction hiatus, but ultimately it was dedicated in September 2016. Sadly, Marcolino had died four months earlier, so did not get to see the completion of this project he had shepherded for nearly a decade. But the continuing availability to the public of such a valuable community resource honors his memory.

These memories came flooding back earlier this year when a friend emailed me his latest poem, a tribute to the new public library in his adopted hometown of Round Rock, Texas. I was so moved by its message that I translated it into Portuguese. I hope Marcolino would have liked it, too

About the poet: Retired business executive Steven G. Mueller volunteers part-time at the Round Rock Public Library. He has won first place for his poetry in the Austin area National Veterans Creative Arts Competition the past two years. Two of his poems have been published in the Gávea-Brown journal.



THE NEW BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO REGIONAL LUÍS DA SILVA RIBEIRO, 14 OCTOBER 2016. PHOTO BY JOHN J. BAKER.

He posts his work at: <https://www.picklespicklespickles.com/blog>

*“Round Rock Public Library”  
by Steven G. Mueller*

*The lights of the city  
Seen from the library veranda  
All of downtown  
in one long view*

*But it takes more  
Than one glance  
One view  
To see what’s inside*

*The building contains  
Arguments and contradictions  
Vision and insights  
and knowledge  
Ideas and opinions both affirming and  
informing  
Flowing from the written word*

*All of this available to those  
Who are driven by curiosity  
Or by practical need*

*From the outside of the library  
The city is in view  
From the inside  
The world is seen*



THE NEW ROUND ROCK, TEXAS, PUBLIC LIBRARY, DEDICATED 28 JANUARY 2023

*“Biblioteca Pública de Round Rock”  
Poema traduzido por Katharine F. Baker*

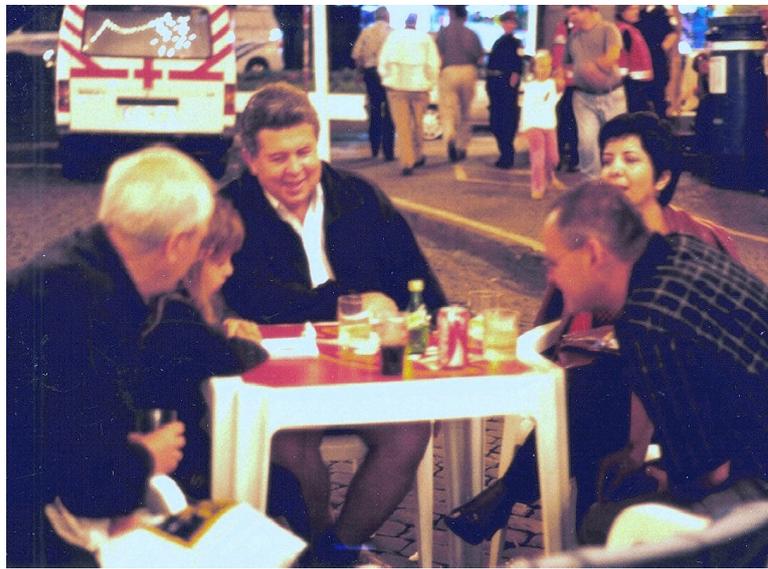
*As luzes da cidade  
Observadas da varanda da biblioteca  
Toda a baixa  
Numa longa panorâmica*

*Mas é necessário mais  
Do que um olhar repentino  
Uma espreitadela  
Para vermos o que existe lá dentro*

*O edifício contém  
Argumentos e contradições  
Visão e percepções  
e conhecimento  
Ideias e opiniões afirmativas e  
informativas  
Fluindo da palavra escrita*

*Tudo isto disponível a quem  
Seja movido pela curiosidade  
Ou pela necessidade prática*

*Fora da biblioteca  
Vê-se a cidade  
Dentro  
Vê-se o mundo*



MARCOLINO CANDEIAS, FLANKED BY DAUGHTER MATÉ AND WIFE DEKA, CELEBRATING SANJOANINAS ON 26 JUNE 2004, WITH ÁLAMO OLIVEIRA AND DINIZ BORGES. PHOTO BY KATHARINE F. BAKER

# UMA RELEITURA DE NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO, DE MARCOLINO CANDEIAS

*Victor Rui Dores*

---

***“Comecei a escrever um poema, “Le Chateau des Pauvres”. Sabes, é um poema de circunstância. Mas todos os poemas são de circunstância. É só preciso que as circunstâncias sejam as do poeta: a circunstância exterior deve coincidir com a circunstância interior, como se o poeta a tivesse produzido”.***

**Paul Eluard**

Marcolino Candeias (1952-2016) foi poeta maior porque possuía um apurado espírito crítico que o policiava. Poeta dispersivo e bissexto, escreveu com rigor e serenidade, sem pressas criativas nem ânsias editoriais, com quase desapego, mas sem abdicar nunca de uma implacável (auto)ironia e, concomitantemente, de um inquebrantável rigor ético e estético. Arpou à escrita com sensibilidade sensorial e pensou e trabalhou por dentro das palavras. Há cuidados prosódicos nos seus poemas. Nunca ele pactuou com a facilidade, pois buscou sempre, no urdir do verso, o rigor das palavras exatas e essenciais.

Homem de mitos, sonhos e quimeras, havia, neste autor terceirense, o peso das raízes e das memórias telúricas. Digo, o poeta que se identifica com a sua terra e capta o espírito dionisíaco do seu povo. Nos seus poemas há o sopro vivo de

uma inegável sinceridade, pois que os seus versos resultam da experiência humana vivida e intimamente sentida na ilha Terceira e fora dela. E isto porque este autor ajudou a engrossar as vagas da emigração, tendo vivido durante alguns anos no Canadá. Mas, ainda e sempre, é a ilha Terceira o microcosmo de referência (geográfica e afectiva) da sua poética.

Temos, em Marcolino Candeias, o eu do poeta circunstanciado (“Eu sou eu e a minha circunstância” – Ortega e Gasset), ou seja, uma circunstância geográfica que se aglutina a uma circunstância poética.

Vem tudo isto a propósito da (re)leitura que acabo de fazer do livro ***Como Quem Vai ao Horizonte. Poesia reunida*** (Instituto Açoriano de Cultura, 2022), deste autor, e que inclui os dois livros que ele deu à estampa: ***Por Ter Escrito Amor*** (1971), ano em que se destacou como poeta (revelação) de apreciáveis recursos, sendo já na altura nome indissociável da chamada geração Glacial; e ***Na Distância Deste Tempo*** (1ª edição 1984; 2ª edição revista e aumentada, 2002).

Em, ***Na Distância Deste Tempo***, estamos perante uma poética que dá conta da ausência e da distância da ilha, das sensações e dos sentimentos que ficaram enraizados na memória do poeta. Este revisita lugares, pessoas e coisas que povoam o seu imaginário, isto é, tudo aquilo que lhe ficou suspenso na lembrança nostálgica.

Estamos, por conseguinte, perante a reinvenção evocativa da memória e o universo imaginário das recordações insulares. Quando se encontrava fisicamente apartado da ilha Terceira, Marcolino Candeias retoma a ilha por via poética e evoca esse espaço ilhéu e nele procura a unidade perdida. O poeta dispõe-se a todas as viagens e

assume a partida como algo de inevitável. Porque a errância é a sua forma de perseguir a felicidade e o sonho:

*“Mas se tenho de partir que de novo eu parta(...)*

*Largar amarras. Ir decifrando  
quantos portulanos na vida houver que  
decifrar.*

Há aqui uma concepção mitificada da ilha. A ilha chamar-se-á simbolicamente Ítaca. Mas esse plano simbólico é já dobragem da realidade. O poeta, qual outro Ulisses, sente, no exílio, o apelo, a lonjura e a “saudade ardente” da ilha. E, vagueando pelo imaginário mitológico, recorda a amada Penélope, que é uma outra forma de dizer mulher, ilha, amor e ternura:

*Verifico que não estás aqui e que, todavia,  
és flor plantada em mim.*

Espaço imagético e afectivo, a ilha é geradora de mitos, mistérios e fascínios e está sempre presente na memória do poeta e pressentida nos seus versos. Em terras da diáspora, Marcolino Candeias escreverá aqueles que, na minha opinião, são os seus melhores poemas de sempre: *Rota de Ítaca, Na distância deste tempo, Carta de Joe Simas e Ode a Angra*, minha cidade, em tom de elegia.

Para a segunda edição da obra em análise, o autor retirou o poema *Pequenos navios carregados de esperança* e acrescentou outros dois: *Aqui não tem sabiá* (um belíssimo poema de amor!) e *Breve discurso aos meus amigos*.

Espírito atento ao fluir e refluir do devir histórico, Marcolino Candeias dá-nos, em *Ode a Angra*, minha cidade, em tom de elegia, o melhor poema que alguma vez já foi escrito sobre a cidade de Angra

do Heroísmo. Escrito há já alguns anos, e não obstante as transformações operadas nesta cidade património mundial, o poema é de uma impressionante atualidade. Aqui se verifica o fenómeno da intemporalidade da poesia e da atemporalidade do poema. Neste, o poeta denuncia e desmistifica a cidade, retira-lhe todo o secular verniz histórico, político e social que a tem caracterizado. E fá-lo com grande profundidade de visão, com ironia e sarcástica malícia:

*Angra oh minha cidadezinha de bolso  
querida minha putefiazinha maquilada  
de ternura  
(...)*

*oh minha tolinha inchada de orgulho  
do aqui-já-foi-só-Portugal.  
(...)*

*Ficas-te pela honesta pela criteriosa  
notícia dos teus jornais habilidosamente  
bem colados politiquieiros pequeninos  
obesos calvos beatos mentindo com  
todas as verdades e insinuando  
nos tentáculos das suas entrelinhas  
subtis.  
(...)*

*oh minha pequena burguesinha  
ignorante minha cretinazinha  
paspalhona  
(...)*

*oh minha desavergonhadinha à moda de  
Lisboa imitação caricatura em diminuta  
escala imitação mal imitada limitada  
(...)*

*todos os teus empregados sindicalizados  
e não sindicalizados tuas empregadas  
domésticas muitas delas raparigos  
extremosos e prendadíssimos  
(...)*

Acima de tudo, o poeta mostra o verdadeiro rosto da urbe nos seus desajustamentos sociais:

*em ti própria renascida outra memória  
verdadeiramente tua*

*a de*

*teus marginais*

*a de*

*teus infelizes operários teus pescadores  
do Corpo Santo teus esfumados  
reformados em seus passos mudos teus  
engraxadores rezingões sumidos na  
insignificância teus guardas municipais  
de sentinas teus vendedores de  
fava torrada e amendoim (...)*

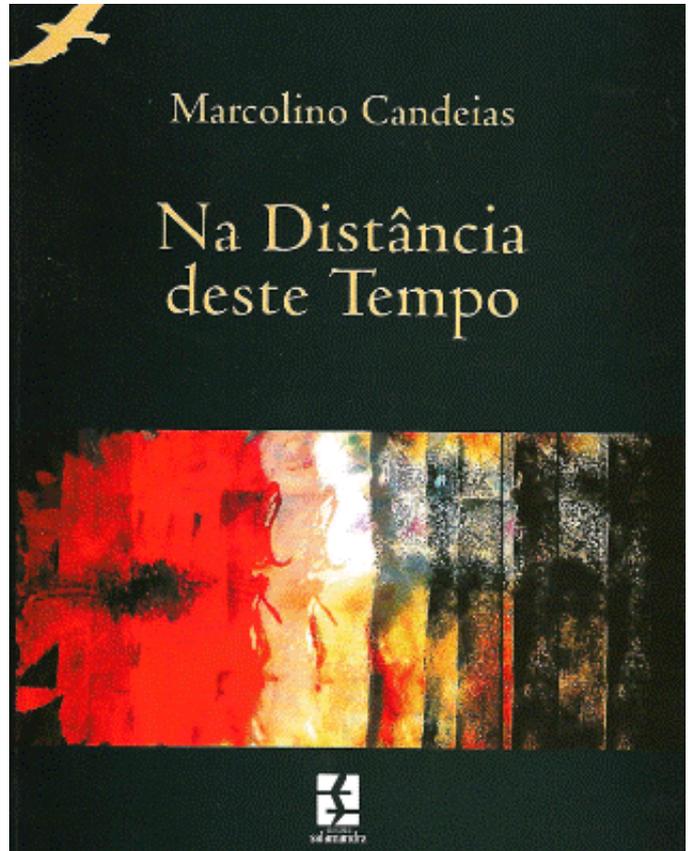
*(...)*

*que esta sim é a tua verdadeira memória  
é tua grande e presente memória de  
necessitados e oprimidos  
memória presente de todos os outros que  
vivem apagadamente  
de um ordenado menor de gente menor  
e esquecida na soleira da porta  
aguardando um raiozinho de socialismo  
(...)*

Mas este poema é, acima de tudo, uma sentida e sincera declaração de amor a Angra do Heroísmo (“cidade única e minha”), com a qual o poeta se mostra profundamente identificado. Da mesma maneira que se identifica com o povo terceirense: os poetas populares (João Vital), os agricultores (seu pai, Manuel Coelho Lopes e Chico Veríssimo) para além de outros que exerciam (exercem) profissões já acima referidas. (A propósito, lamenta-se que o autor não tenha incluído o poema *Nesopatia* sobre o terramoto de 1 de janeiro de 1980 que tanto desfigurou a cidade de Angra).

Na *Distância Deste Tempo* reúne 19 poemas bem urdidos e sonoros. Um livro escrito com os olhos da memória e que, por ser profundamente terceirense, é profundamente universal.

Horta, 14/07/2023



CAPA DO LIVRO "NA DISTÂNCIA DESSE TEMPO" DE MARCOLINO CANDEIAS

# MARCOLINO

## TWO POEMS

*translated by Diniz Borges*

---

### ***I feel like saying hey people***

*I'd like to shout at these people  
with a silent movie pace  
to these tiny brains  
locked inside themselves watching  
everything*

*I'd like to say hey people  
look at the reality on the road  
begging for a handout  
shameless*

### ***Island***

*They furrowed the farmer's face  
with eyes full of stars  
digesting a dream  
the blades of a desired tractor*

*and in the old rough land  
the man accustomed to toil  
brief wrinkles traced*

*squalid traces of the first phase  
of bread  
is born in the plow  
and in the labor of the hand*

*(on this island the farmer does not use  
the motorized machinery- the whole  
source of energy is the sweat)*